

ÁUDIO música & TECNOLOGIA

SSL LIVE L500

DNA da fabricante dá o tom na aguardada mesa para sonorização ao vivo



HOME STUDIO

Pré-amplificadores que aliam qualidade e baixo custo

CARNAVAL EM SP

Tukasom estreia line array e consoles no desfile das escolas de samba

PRO TOOLS

Trabalhando com plug-ins da plataforma UAD-2

SISTEMAS DE SONORIZAÇÃO

PARTE 13

Mais sobre consoles de mixagem de PA

Planeta Atlântida 2014 e suas luzes • Judy Spencer: pioneira na iluminação cênica no Brasil
Por trás das câmeras do doc Guitarra Baiana, a Voz do Carnaval

LUZ&CENA

Cardápio do mês

Sim, o ano está voando. Já chegamos ao mês de maio, o mês do trabalho, e a AES Brasil Expo já se apresenta. Talvez ela seja um dos eventos que você mais aguarda neste mês, não é, caro leitor? No ano, até! O encontro, que acontece entre os dias 12 e 15 no Expo Center Norte, em São Paulo, contará com mais de 70 expositores e mais de 7.000 visitantes são aguardados. Uma nota completa sobre o evento pode ser conferida na seção *Notícias do Mercado*. E, claro, em breve, você encontrará em nossas páginas uma cobertura completa sobre mais uma edição da AES Brasil Expo.

Nossa matéria de capa neste mês é a mesa SSL Live L500, para som ao vivo. Um produto tão aguardado e que, na verdade, até pouco tempo mais parecia um sonho que os profissionais do som ao vivo tinham em suas noites mais inspiradas. O fato é que a SSL, que há quase 40 anos chama a atenção pelos seus superconsoles para estúdios de grande porte, em 2011, depois de bastante planejar e resistir ao apelo do mercado, começou a caminhar no sentido de desenvolver seu console para a estrada. E assim foi. Para saber tudo sobre a novidade, que, lançada em abril de 2013, durante a Musikmesse, em Frankfurt, Alemanha, chega agora ao Brasil, é só mergulhar na matéria de Rodrigo Sabatinelli.

As outras matérias desta *AM&T*, também bem interessantes, traçam completos panoramas sobre a sonorização do desfile das escolas de samba de São Paulo e sobre a feitura do elogiadíssimo mais recente álbum de Ed Motta, *AOR*. É conferi-las para se informar, descobrir e, sim, também aprender. Assim como você também aprende com nossas colunas, escritas por especialistas sempre em busca de atualização e crescimento. Segui-los é certeza de boa companhia, de boa orientação, teórica e prática.

Já no caderno *Luz & Cena* o principal destaque é a matéria que mostra tudo sobre a iluminação do Planeta Atlântida 2014, um festival que, por dar vez ao pop, ao rock, ao reggae, ao rap, ao pagode, ao sertanejo e a tudo quanto é estilo, é um verdadeiro paraíso da diversidade musical e, consequentemente, visual. Nas páginas da *L&C* ainda há a matéria sobre o documentário de Daniel Talento sobre a guitarra baiana e seções como *Iluminando* e *Media Composer*. Vale conferir.

Boa leitura!

Marcio Teixeira

ISSN 1414-2821

Áudio Música & Tecnologia

Ano XXVI – Nº 272 / maio de 2014

Fundador: Sólon do Valle

Direção geral: Lucinda Diniz -

lucinda@musitec.com.br

Edição jornalística: Marcio Teixeira

Consultoria de PA: Carlos Pedruzzi

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

André Paixão, Cristiano Moura, Daniel Raizer, Enrico De Paoli, Fábio Henriques, Farley Derze, Lucas Ramos, Luciano Alves, Renato Muñoz e Ricardo Honório.

REDAÇÃO

Marcio Teixeira - marcio@musitec.com.br

Rodrigo Sabatinelli - rodrigo@musitec.com.br

redacao@musitec.com.br

cartas@musitec.com.br

DIREÇÃO DE ARTE E DIAGRAMAÇÃO

Client By - clientby.com.br

Frederico Adão e Caio César

Assinaturas

Karla Silva

assinatura@musitec.com.br

Distribuição: Eric Brito

Publicidade

Mônica Moraes

monica@musitec.com.br

Impressão: Ediouro Gráfica e Editora Ltda.

Áudio Música & Tecnologia

é uma publicação mensal da Editora

Música & Tecnologia Ltda,

CGC 86936028/0001-50

Insc. mun. 01644696

Insc. est. 84907529

Periodicidade Mensal

ASSINATURAS

Est. Jacarepaguá, 7655 Sl. 704/705

Jacarepaguá – Rio de Janeiro – RJ

CEP: 22753-900

Tel/Fax: (21) 2436-1825

(21) 3435-0521

Banco Bradesco

Ag. 1804-0 - c/c: 23011-1

Website: www.musitec.com.br

Distribuição exclusiva para todo o Brasil pela

Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.

Rua Teodoro da Silva, 907

Rio de Janeiro - RJ - Cep 20563-900

Não é permitida a reprodução total ou parcial das matérias publicadas nesta revista.

AM&T não se responsabiliza pelas opiniões de seus colaboradores e nem pelo conteúdo dos anúncios veiculados.



34

Novidade na estrada

Chega ao Brasil a L500, primeira mesa para sonorização ao vivo da SSL
Rodrigo Sabatinelli

14 **Áudio no Brasil**
Guilherme Reis: Detalhes da vida e da obra de um raro profissional
Marcio Teixeira

18 **Plug-ins**
Waves Reinassence Verb: Reverberação para todos os gostos
Cristiano Moura

22 **Notícias do Front**
As Partes de um Sistema de Sonorização (Parte 13): Consoles de mixagem de PA (Parte 2)
Renato Muñoz

28 **Em Casa**
Pré-Amplificadores (Parte 3): Fabricantes e modelos mais baratos
Lucas Ramos

42 **Ed Motta do pop ao jazz**
Em *AOR*, cantor e compositor passeia pelos gêneros com os pés no som vintage
Rodrigo Sabatinelli

50 **Novidade na folia paulistana**
Tukasom estreia line array JBL e consoles Soundcraft em carnaval de SP
Rodrigo Sabatinelli

88 **Desafiando a Lógica**
Síntese no Logic (Parte 2): Modulando com ES1
André Paixão

94 **Pro Tools**
Plug-ins UAD-2 e Pro Tools 11: Demorou, mas rolou
Daniel Raizer

100 **Otimizando Sua Mixagem (Parte 3)**
Partindo para a mixagem propriamente dita
Fábio Henriques

108 **Sonar**
Sonar X3 Producer: Mais sobre o lançamento
Luciano Alves

112 **Lugar da Verdade**
Transientes
Enrico De Paoli

seções

editorial 2
novos produtos 10

notícias de mercado 6
índice de anunciantes 111

LUZ & CENA



62

capa

Planeta Atlântida 2014: As luzes do pop, rock, reggae, pagode e sertanejo no festival da diversidade musical
por Rodrigo Sabatinelli

PRODUTOS	58
EM FOCO	60
FINAL CUT	84



70

filme

Guitarra baiana – do trio elétrico para a telona
por Rodrigo Sabatinelli



76

iluminando

História dos profissionais de iluminação cênica no Brasil
Primeiro capítulo: Judy Spencer
por Farley Derze



80

media composer

Novo sistema de licenças Avid: Mais flexibilidade de acordo com sua demanda
por Cristiano Moura

CADERNO

LUZ & CENA

PLANETA ATLÂNTIDA 2014

As luzes do festival da
diversidade musical

GUITARRA BAIANA

Em detalhes, a produção
do doc de Daniel Talento

FINAL CUT

Trabalhando com
Expand e Detach Audio

MEDIA COMPOSER

O novo sistema
de licenças Avid



HISTÓRIA DOS PROFISSIONAIS DE ILUMINAÇÃO CÊNICA NO BRASIL

Judy Spencer e Farley Derze: fui ao encontro da pioneira na iluminação cênica em nosso país para poder contar sua história

Primeiro capítulo: Judy Spencer

Era uma visita que eu fazia à cidade de São Paulo com o objetivo de localizar e entrevistar a primeira mulher iluminadora cênica do Brasil. Do hotel, telefonei para o Toninho, iluminador que sempre me dá todas as caronas quando estou em São Paulo. Ele dirigia um tanto preocupado porque cheguei no dia do rodízio de placas do carro dele. Tínhamos pouco tempo para que ele me levasse no bairro do Limão, onde eu iria realizar a entrevista. Quando ouvi seu nome pela primeira vez, me pareceu se tratar de uma inglesa, ou australiana, ou norte-americana fazendo iluminação cênica no Brasil. Mas não. Ela é brasileira. Ouvi seu nome em Porto Alegre quando eu entrevistava a iluminadora gaúcha Marga Ferreira, que eu julgava ser a primeira mulher a fazer iluminação cênica no Brasil. Mas ela disse:

“Não, tio Farley (ela me chama carinhosamente de tio)... Não, não, não... Eu não sou a primeira mulher a fazer iluminação cênica no Brasil. Olha, quando eu comecei, tinha uma mulher em São Paulo fazendo luz... Ai, como é que vou lembrar o nome dela agora? Deixa eu acender um cigarro. Peraí, tio.”

Fiquei ali sentado na sala do apartamento, esperando

ela terminar o cigarro na varanda. Isso foi em 2008. Pela janela eu via que ela olhava a fumaça em seu exercício de concentração e, de repente, deu uma tragada mais apressada e voltou:

“Lembrei o nome. Anota aí: Judy Spencer.”

Voltemos às ruas paulistanas, e rápido, senão o rodízio de placas pode nos impedir de chegar a tempo. Era o dia 20 de maio de 2008. Mas que engarrafamento, que calor... E que impaciência a minha: eu ligava várias vezes a câmera de vídeo para checar a bateria. Checava também o espaço no HD. Era como se não tivesse feito isso desde a saída do hotel, desde a saída de minha casa, em Brasília. Um dia antes daquela manhã, eu lhe telefonara para me apresentar como pesquisador da história da iluminação. Ouvi uma voz terna e ao mesmo tempo empolgante do outro lado da linha. Eu já tinha recebido entusiasmo idêntico quando entrevistei iluminadores da velha-guarda, como o saudoso João Acir e os atuantes Gerry Marques, Maurício Rosa, Marga Ferreira, Carmem Salazar (de Porto Alegre), Jeronymo Cruz, Beato Ten Prenafeta, Milton Bonfante, Neto, Nezito Reis, Giba (São Paulo), Jorginho

de Carvalho, Aurélio de Simoni, Paulo César Medeiros, Bimbão, Vilmar Olos e Camila Rodrigues (Rio de Janeiro) e Jamile Tormann (Brasília). Judy foi muito atenciosa e no dia seguinte o Toninho foi me buscar no hotel.

Blim-blom, apertei a campainha. Abre a porta um rapaz. Identifiquei-me, ele nos convidou (Toninho e eu) para sentar e pediu para aguardar. Estávamos dentro de um galpão lotado de equipamentos e artefatos de iluminação cênica. Tudo arrumadinho em prateleiras: administração de mulher. Eu apontava para os equipamentos e perguntava o nome de cada um ao rapaz, que permaneceu para nos fazer companhia. "Aquele ali é fresnel, esses aqui são PAR 64, aqueles lá em cima são os movings, esses cases fechados são as mesas digitais», e fomos andando e mergulhando cada vez mais no silêncio do fundo daquele galpão. No ar havia o cheiro dos fios, das caixas, dos artefatos... Ouvi passos que vinham em minha direção, no contra-luz. Era a silhueta de uma mulher. A luz do sol poente que vazava por cima a recortava. Era como se fosse um canhão seguidor vindo pelas costas dela, canhão-de-contra, e o caminho foi ficando estreito, porque caminhei também em direção a ela. Quando vi seu sorriso, entendi o significado da palavra luz.

O COMEÇO

Judy Spencer nasceu em 21 de março de 1947, em Paranaguá, mas saiu de lá com meses de vida e nunca mais voltou. Viveu em Salvador e São Paulo. Desde 1970 atuava como produtora, juntamente com sua sócia, Mônica Lisboa. Produzia shows com Ângela Ro Ro, que ainda não era conhecida, ou Pepeu Gomes, que tinha um grupo chamado Os Enigmas. Em suas produções acumulava funções de bilheteira, porteira, fazia de tudo. Era hippie e andava na Praça da República com cartazes psicodélicos pendurados na frente e nas costas para anunciar outros artistas, apenas grupos novos que surgiam em São Paulo.

Certo dia, organizava uma série de shows de um grupo chamado Alfa-Centauro, e não tinha iluminador. Era uma série de eventos do Colégio Equipe, em São Paulo, organizados por Serginho Groisman, em 1971. Como Judy tinha estudado piano e era cantora, inclusive cantou com Moraes Moreira em Salvador, ela se sentiu segura para fazer a iluminação, pois entendia de ritmos musicais. Ali começou sua carreira de iluminadora. Pegou gosto e nunca mais deixou a iluminação. A primeira mesa de luz que teve ela mesmo encomendou para uma pessoa que construía mesas de

luz em São Paulo, o Gian Carlo Bortolotti, um eletricitista de teatro. Eram famosas as mesas GCB (iniciais do seu nome). De um modo geral, os shows tinham uma luz chapada branca. Com as mesas de luz, usar as cores era a grande novidade. Em 1972, iluminou um show dos Mutantes no Anhembi, cuja formação já não contava mais com Rita Lee. Colocou uma cor diferente para cada músico. Considera que foi seu primeiro trabalho "grande" no meio profissional. Conta que precisava usar a criatividade e a invenção, pois não havia disponível nenhum curso, nenhuma revista dos Estados Unidos ou brasileiras como as que se encontram hoje no mercado, ricas em informação sobre a atividade.

O CAMPO PROFISSIONAL

Nos anos 1970, o termo recorrente era "operador de luz". Era tudo uma coisa só: montar, criar, operar. Foi da observação de como eram tratados os "operadores de luz" nos grupos estrangeiros que vinham fazer turnê no Brasil que se começou a perceber que havia diferença entre quem criava, quem operava e quem montava. Quem criava era chamado de "lighting designer". Hoje em dia, a categoria profissional que atua no Brasil já reconhece essa diferença. Lighting designer (o iluminador) é a pessoa que cria o projeto, o operador executa e o montador prepara os equipamentos que serão operados durante o show.

Em sua época não havia nenhuma mulher que iluminasse shows. Havia mulheres que iluminavam vitrines de lojas, exposições de arte, mas luz para espetáculos eram apenas rapazes e, segundo ela, a maioria era do Rio de Janeiro. Ela foi a primeira mulher a fazer iluminação cênica para shows no Brasil. À medida que outros artistas



Wiki Images

Os Mutantes em sua atual encarnação: no ano de 1972, Judy iluminou o show da banda no Anhembi. Foi seu primeiro trabalho "sério".

passaram a lhe chamar, como Gal Costa, Bethânia, Caetano Veloso, entre outros, viajou o Brasil inteiro e constatou que não havia mulheres atuando naquela atividade profissional. Fez turnês pela Europa, Estados Unidos, Israel e levava o seu projeto de iluminação para a luz ser montada no local.

Quando o cantor Alice Cooper veio ao Brasil, ela esteve em um dos shows só para conhecer como operavam a luz. No final da turnê, no Maracanã, ela conseguiu comprar, numa negociação feita de madrugada, quase metade das lâmpadas PAR 64 da produção de Alice Cooper, ao conquistar a simpatia de todos. Daí pra frente passou a trabalhar com o seu próprio equipamento. Tornou-se empresária de Rita Lee, Vinícius de Moraes e Toquinho, Simone, Guilherme Arantes, dentre outros, e usava aquele equipamento nos shows. Até então, no Brasil da década de 1970 só existia o PC, fabricado pela GCB e pela Telem. Judy introduziu a lâmpada PAR 64 nos espetáculos brasileiros. Tornou-se, além de iluminadora, empresária de locação de equipamentos com sua empresa Som Lux.

Foi sempre curiosa para conhecer as tecnologias, e quando participou dos especiais da TV Globo, conheceu e trabalhou alguns anos com Peter Gasper, que lhe apresentou vários equipamentos, aos quais até então não tinha acesso.

A CRIAÇÃO DA LUZ

As primeiras preocupações que ela tinha para criar uma luz era se adaptar aos espaços e manter o projeto de luz durante a operação. Cita o exemplo dos shows de Caetano «Velô» e «Podres poderes». O jornal Folha da Tarde a elogiou pela luz do show “Velô”, chamando-a de “João Gilberto da iluminação” pela precisão da operação. Isto é, era a mesma iluminação todos os dias. Ela critica o que tem visto atualmente, onde tudo acontece na luz de um show, e um mesmo show realizado em outro lugar é iluminado com outra luz, como se a luz não tivesse uma linguagem para dialogar com determinado espetáculo.



Judy comprou quase metade das lâmpadas PAR 64 da produção da turnê nacional de Alice Cooper em 1974. Alice foi um dos primeiros artistas a realizar um megashow no Brasil.

Judy lembra saudosa dos tempos em que fazia luz junto com os compassos da música, manipulando a mesa, deslizando os botões com a mão, embora reconheça a facilidade tecnológica de hoje, em que se pode gravar a luz numa mesa digital. Mas ela gosta mesmo é de fazer junto, fazer na hora. Dançava junto com a música. Hoje em dia, já viu operador cochilar enquanto a mesa digital fazia o serviço da programação de luz computadorizada. Outra coisa que muitas vezes estranha é quando muitos iluminadores pedem a locação de “uma tonelada” de equipamentos sem terem sequer o roteiro de luz.

Gosta da interação que a profissão oferece, porque criar

uma luz requer o diálogo com o artista e com o diretor do espetáculo. De um modo geral, ela apresentava suas ideias e eram bem aceitas. Certa vez, o próprio motorista do caminhão de sua empresa chegou e lhe apresentou um template. Aprendeu de tanto olhar Judy desenhar seu mapa de luz. Contudo, ele não sabia como fazer funcionar aquilo que tinha desenhado. Hoje em dia, com tanta tecnologia que surge da noite para o dia, você pede uma mesa, mas já tem outra. Você se adapta e, quando está quase lá, surge outra mesa para substituir aquela, e essa dinâmica fez com que Judy saísse da área de shows.

Para quem deseja começar na profissão, ela sugere estudar e, ao mesmo tempo, fazer estágio numa empresa para conhecer na prática o peso de uma montagem, entender

Faitley Derze



como se faz uma tomada, e quando obter sua carteira, seu registro profissional, ter confiança no que faz.

SUFOCO

Judy conta que passou por dois sufocos e diz que tem a maior vergonha de confessar. Um foi no show do Caetano Veloso, no Palace. Ela adormeceu em casa e passou da hora. Foi acordada com o telefonema da produtora Celinha Macedo dizendo "você ainda não chegou? Caetano disse que não começa sem você". Ela saiu de casa com a roupa que estava e entrou no Palace pedindo perdão ao Caetano pelo atraso. Quando o show começou, Caetano disse ao público: "olha gente, o show atrasou porque ela (apontando para a cabine de luz) chegou agora". Judy ganhou a maior vaia. E a outra foi num show no Campus da USP. Estava tudo engarrafado. Não tinha jeito de andar, embora tivesse saído com horas de antecedência. Daí, Judy fez parar o carro no qual estava com os amigos, parou a primeira moto, subiu na garupa e ainda pediu para o motociclista acelerar, numa época que não se usava capacete. A cena final foi ela entrando no palco com moto e tudo. O show era um festival de música. O Campus estava lotado e era o show de Moraes Moreira.

LUZ INESQUECÍVEL E A CAIXA

Judy Spencer – que tem como luz inesquecível a de todos os shows estrangeiros que vinham ao Brasil, como Madonna, pois traziam algo novo e diferente do que se fazia aqui – possui uma caixa onde guarda muitos crachás que pendurou em seu pescoço, dos shows que iluminou ou produziu. "Quando eu morrer, não quero flores em meu caixão – quero ser coberta pelos crachás", afirma.

HOJE

Judy, que fez a luz da corrida de São Silvestre na época que a prova acontecia de noite, além de incontáveis shows no Brasil e no exterior, atualmente faz luz para exposições de arte em museus e luz de fachadas (iluminação arquitetural). Mantém seu trabalho no escritório de locação de equipamentos de iluminação cênica desde a década de 1970.

Farley Derze é professor do Instituto de Pós-Graduação, diretor de Gestão e Pesquisa da empresa Jamile Tormann Iluminação Cênica e Arquitetural e membro do Núcleo de Estética e Semiótica da UnB. Doutorando em Arquitetura. E-mail: diretoria@jamilletormann.com

GOBOS DO BRASIL

Seus Gobos prontos no mesmo dia!



Visite nosso estande na AES 2014
Ruas C2/B3

de 13 a 15 de Maio de 2014 - Expo Center Norte - Pav. Amarelo.

AUDIX
MICROPHONES

COTECH
Made in England

Clear-Com
AN HSE COMPANY

GDB

iLED

K

KUDO

Kreios

lucibolla

LumiDesk

Diverssoft
AUDIO

sonlite

GOBOS DO BRASIL

Rua Chile, 678 - Vila Santa Luzia

São Bernardo do Campo - SP - 09668-100

Tel.: (11) 4368.8291 - ID Nextel: 1*32732

Site: www.gobos.com.br - E-mail: gobos@gobos.com.br